

Abordagens pedagógicas em diálogo com a cidade e seus habitantes: uma experiência de ensino, pesquisa e extensão na Zona Leste de São Paulo

Enfoques pedagógicos en diálogo con la ciudad y sus habitantes: una experiencia de enseñanza, investigación y extensión en la Zona Este de São Paulo

Sessão Temática: ST5

CASTRO, Ana Claudia Veiga de; Doutora; Universidade de São Paulo

anacvcastro@usp.br

GIROTTO, Ivo; Pós-doutor; Universidade de São Paulo

ivogiroto@usp.br

SOUSA, Adriano José; Mestre; Universidade de São Paulo

adriano.jose.sousa@alumni.usp.br

KOHATSU, Lidiane Midori; Graduada; Universidade de São Paulo

lidiane.kohatsu@usp.br

Resumo

Esta comunicação tem a intenção de apresentar uma experiência pedagógica desenvolvida no primeiro semestre de 2022 em São Paulo, a partir da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), em diálogo com coletivos atuantes na Zona Leste da cidade. A proposta, desenvolvida como uma disciplina que congregou professores dos três departamentos da FAU USP (de História, de Tecnologia e de Projeto), surgiu de um projeto da Diretoria da Faculdade cujo intuito era o de integrar as práticas de ensino, pesquisa e extensão, questionando as formas tradicionais de aprendizagem e produção de conhecimento. Com o cenário da pandemia de Covid-19, o projeto se transformou, tendo encontrado sua forma final na criação de uma disciplina, cujos resultados parciais e possíveis desdobramentos são aqui apresentados e discutidos, a partir do trabalho desenvolvido por alunos e docentes em parceria com os coletivos São Mateus em Movimento e CPDOC Guaianás.

Palavras-chave (3 palavras): ensino de arquitetura e urbanismo, periferias, coletivos.

Abstract

This communication intends to present a pedagogical experience developed in the first semester of 2022 in São Paulo, from the Faculty of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo (FAUUSP), in dialogue with collectives active in the East Zone of the city. The proposal, developed as a discipline that brought together professors from the three departments of FAU USP (History, Technology and Project), emerged from a project by the Faculty's Board of Directors whose aim was to integrate teaching, research and extension practices, questioning traditional forms of learning and knowledge production. With the Covid-19 pandemic scenario, the project was transformed, having found its final form in the creation of a discipline, whose partial results and possible developments are presented and discussed here, based on the work developed by students and teachers in partnership with the collectives São Mateus em Movimento and CPDOC Guaianás.

Keywords: teaching Architecture and Urbanism, peripheries, collectives.

1. Um projeto pedagógico em construção

Durante o ano de 2019, a direção da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) montou uma equipe de seis professores com o intuito de organizar um evento então denominado FAU Internacional: Aprendendo com Ensino, Pesquisa e Extensão¹. Tratava-se de buscar integrar os três departamentos (História, Tecnologia e Projeto) e os dois cursos oferecidos (Arquitetura e Urbanismo e Design). Naquele momento, a ideia apresentada pela Direção da escola era a de organizar um imenso workshop, unindo durante quatro semanas os alunos de graduação e de pós, com todo o corpo docente e uma série de convidados internacionais de variadas áreas do conhecimento, para produzirem intervenções na cidade de São Paulo, por meio de equipes multidisciplinares.

O que estava em pauta também era o reconhecimento da necessidade imperativa de se repensar o ensino (aliado à pesquisa e à extensão), diante de um cenário de mudanças radicais no corpo discente nos últimos anos, a partir da ampliação do acesso ao ensino universitário provocado por medidas como engajamento da USP no SISU e adesão ao sistema de cotas sociais e raciais. Tais mudanças, por um lado, vistas como positivas, por outro, colocavam questões insuspeitas a um corpo docente cuja experiência docente até então

¹ A equipe de professores era composta por Ana Castro e Ivo Girotto (do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto), de Alessandra Prata Shimomura e Tomás Barata (do Departamento de Tecnologia) e Gustavo Curcio e Beatriz Rufino (Departamento de Projeto). Esta última professora participou do primeiro ano dos trabalhos, tendo depois se afastado para um pós-doc no exterior, o que fez a equipe se consolidar com cinco professores. A Diretoria à época estava ocupada pela professora Ana Lanna, tendo como vice-diretor o professor Eugênio Queiroga, e o projeto contava com apoio da Pró-Reitoria de Graduação da USP.

estava assentada no reconhecimento dos alunos como parte de seu grupo social, e que agora se via desafiado pela chegada de novos estratos sociais. A única premissa colocada pela Direção era que o trabalho se pautasse pela discussão das questões de classe, gênero e raça, buscando integrá-las em propostas que pudessem servir como pontos de partida para transformações de maior alcance no dia a dia da Faculdade.

Com a chegada da pandemia em março de 2020, os planos de realização do workshop tiveram que ser bruscamente interrompidos². O que se propôs para iniciar os trabalhos foi uma série de encontros fechados entre professores, alunos de graduação (ligados à coletivos da Faculdade) e de pós-graduação, cujos trabalhos de pesquisa estavam atravessados pelas três perspectivas acima mencionadas: classe, gênero e raça, de modo a formar para a equipe dos seis professores organizadores um primeiro panorama das questões a partir da própria faculdade.

Foram promovidos quatro encontros sobre gênero, raça e classe na faculdade, e outro adicional para se discutir as perspectivas da inter e da transdisciplinaridade³. Esses encontros, portanto, tiveram o intuito de reconhecer e compreender as pesquisas em andamento na escola, bem como as perspectivas já trabalhadas pelos coletivos discentes e suas demandas, buscando dar à equipe um norte e um chão inicial para a formulação de propostas para a condução dos trabalhos. O reconhecimento dos trabalhos que vinham sendo desenvolvidos, de modo muitas vezes segmentado e apartado, pareciam ter um potencial importante para alimentar o workshop ainda previsto.

A extensão da pandemia, a impossibilidade de voltar ao sistema presencial, e a dúvida quanto aos prazos para esse retorno impuseram, como sabemos, mudanças a todos. Para a equipe coordenadora do projeto não foi diferente, e se tornou evidente a impossibilidade de manter a ideia de um encontro que previa congregar mais de mil pessoas reunidas na FAUUSP. Foi nesse contexto que iniciamos um segundo momento preparatório, definindo que o foco do trabalho seria não apenas em São Paulo como o território da ação, mas que também viriam de São Paulo os sujeitos de interlocução privilegiados.

No segundo semestre de 2020 vislumbramos assim a possibilidade de trabalhar a partir dos coletivos existentes na cidade. Sabíamos, de maneira pouco sistemática, da grande riqueza que esses coletivos representam para a transformação da própria sociedade, dos territórios, da cultura – mas não tínhamos ainda nenhum elemento formalizado no sentido dessa

² A equipe de professores coordenadores chegou a lançar aos colegas uma chamada de propostas, para receber as indicações de possíveis nomes, áreas de intervenção, projetos a serem elaborados, etc – que hoje constituem uma espécie de banco de dados com essas diversas indicações, que no futuro podem ser mobilizados.

³ Os encontros foram realizados de modo remoto, pela plataforma Google Meet, e foram gravados, fazendo parte do acervo do projeto. No primeiro foram discutidas as pesquisas de professores que trabalham com a questão de gênero, alunas do coletivo feminista XXX, e pesquisadores de pós-graduação cujas pesquisas se pautam pelas questões de gênero. No segundo, a temática racial foi discutida por alunas do Coletivo Malungo, por alguns professores e discentes de pós com pesquisas afins. Do terceiro encontro participaram professores e alunos de pós-graduação. Finalmente, o último encontro foi feito com os professores da FAU e da FE USP.



compreensão⁴. Com isso em mente, elaboramos um projeto de pesquisa para concorrer ao Programa Unificado de Bolsas da USP (PUB USP), que oferece anualmente mais de 5 mil bolsas de permanência aos alunos de graduação, para que uma primeira investigação sobre os Coletivos da cidade pudesse ser levada a termo⁵.

Selecionamos seis alunos e propusemos uma pesquisa na cidade de São Paulo, a partir das zonas Norte, Sul, Leste e Oeste e do Centro, para que pudesse ser elaborada uma listagem e um mapa de coletivos atuantes na cidade, cujos trabalhos e ações fossem norteados pelas discussões de raça, gênero e classe, bem como aqueles cujos campos preferenciais de atuação tangenciassem questões ligadas ao campo da arquitetura e urbanismo e do design - como os coletivos de artes, de memória, de patrimônio, entre outros.

Trata-se evidentemente de um recorte amplo e de fronteiras porosas, na medida em que tais coletivos, a maioria de origem e atuação periférica, são geralmente atravessados (ou interseccionados) por estas questões. Ainda assim, o trabalho de pesquisa, seleção e sistematização foi feito pela equipe de alunos bolsistas, que não só os listaram, como buscaram, na medida do possível, sistematizar os dados de endereço, redes sociais, área preferenciais de atuação territorial (bairros), áreas preferenciais de atuação temática (disciplinas), nomes e contatos telefônicos⁶.

Essa primeira sistematização gerou um mapa dos coletivos na cidade e possibilitou uma nova rodada de encontros remotos, a partir de contatos prévios dos bolsistas com cada um dos grupos pesquisados. Nessa etapa, foram feitos por volta de seis encontros, com três ou quatro coletivos por reunião, nos quais pudemos conversar com seus membros, apresentar a FAU e a proposta em elaboração e conhecer e perceber melhor quais as potenciais parcerias daí em diante.

Ainda sob as incertezas da pandemia, pareceu-nos mais adequado substituir a realização do workshop inicialmente previsto pelo oferecimento de uma disciplina interdepartamental, a ser criada e oferecida na FAU juntamente aos coletivos. Imaginávamos então trabalhar com as cinco grandes áreas da cidade, a partir de coletivos de cada uma delas, ainda pensando ser possível um grupo considerável de alunos (por volta de cem alunos).

⁴ Essa compreensão vinha da leitura de uma literatura contemporânea sobre o tema, mas também das leis de fomento da Prefeitura de São Paulo aos projetos periféricos, que contribuíram para dar visibilidade aos coletivos para além dos seus territórios (Ver LEI Nº 16.496, DE 20 DE JULHO DE 2016: Programa de Fomento à Cultura da Periferia de São Paulo: http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/leis/L_16496.pdf. Acesso em 01.08.2022).

⁵ Para os três projetos concorrentes, na vertente Extensão – FAU Escola Internacional: Cartografias urbanas; FAU Escola Internacional: aprendendo com ensino, pesquisa e extensão e FAU Escola Internacional: vamos nos comunicar – supervisionados respectivamente pelos professores Ana Castro, Ivo Giroto e Alessandra Prata, foram selecionados os alunos João Henrique Gonçalves de Oliveira e Rebecca Cavalcante; Amanda Lettícia Nazaro Abilio e Willesley Vitorino Santos; Gabriel Almeida Novais e Ramon Gonçalves Batista, agrupados dois a dois.

⁶ Isso foi importante, pois como a pesquisa foi feita durante o período de isolamento social, muitos coletivos estavam desmobilizados, e os contatos efetivos pelas redes e pelo telefone acabaram definindo um espectro mais definido de possibilidades.

A disciplina FAU Internacional: aprendendo com ensino, pesquisa e extensão foi então criada e aprovada nos três departamentos, com uma ementa aberta, que permite que seja oferecida daqui em diante pela equipe de professores que se interessar em propor algo, em parceria com convidados externos que sejam mais adequados no momento⁷. Para auxiliar na sua elaboração, um novo projeto PUB foi proposto e recebeu três novas bolsas para alunos de graduação, ficando dois deles responsáveis pelo auxílio na elaboração do programa e atuantes como monitores no semestre do oferecimento, e um deles responsável pela sistematização dos materiais produzidos para a construção de um site/repositório ao final da disciplina (em andamento)⁸.

2. Uma Disciplina em ação

No primeiro semestre de 2022 a disciplina entrou na grade da FAUUSP, como uma disciplina optativa e interdepartamental, com 25 vagas, mantidas as restrições diante do cenário ainda pandêmico⁹. Seu programa foi definido com um foco na Zona Leste de São Paulo, com um coletivo como “sede” dos trabalhos: o Coletivo São Mateus em Movimento, coordenado pelo arte-educador e rapper Negotinho (Fernando Rodrigo Carvalho), e cuja sede fica no bairro de Vila Flávia, em São Mateus¹⁰.

Essa escolha deveu-se a um daqueles encontros preparatórios: ao fato de, naquela conversa, ficarmos conhecendo não apenas as ações do São Mateus em Movimento, mas também o projeto Favela Galeria (a maior extensão de grafite a céu aberto da América Latina)¹¹, a existência de um pequeno córrego (Cangueiras) – afluente do rio Aricanduva (este, por sua vez, importante afluente do Rio Tietê) – já parcialmente alvo de um projeto da Prefeitura, mas que necessitava de um projeto de intervenção, e a potencialidade de um trabalho concentrado na Zona Leste de São Paulo, uma área historicamente ligada ao trabalho operário e de ocupação popular (AZEVEDO, 1943).

O território em questão, o bairro de São Mateus, que não fica nem no eixo centro-Itaquera servido pelas linhas de trem (Linha 11-Coral da CPTM) e depois metrô (Linha 03 - Vermelha), nem no eixo centro-ABC, também servido por ferrovias, ou seja, situado em uma área

⁷ Sistema Júpiter USP, Disciplina: 1601123 - FAU Internacional: Ensino, Pesquisa, Extensão. Ver: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?nomdis=&sgldis=1601123>. Acesso em 31.07.2022.

⁸ O aluno Gabriel Almeida Novais, sob orientação da professora Alessandra Prata, permaneceu como bolsista no projeto, ficando responsável pelo desenho do site; e os alunos Isabella Rodrigues e Leonardo Novais foram selecionados para atuarem sob orientação de Ana Castro no projeto FAU Internacional: construindo uma disciplina interdepartamental (aprovado na vertente Ensino), auxiliando na construção da disciplina e na monitoria durante o oferecimento da mesma.

⁹ Moodle USP, oferecimento 2022. Ver: <https://edisciplinas.usp.br/course/view.php?id=97685>. Acesso em 31.07.2022.

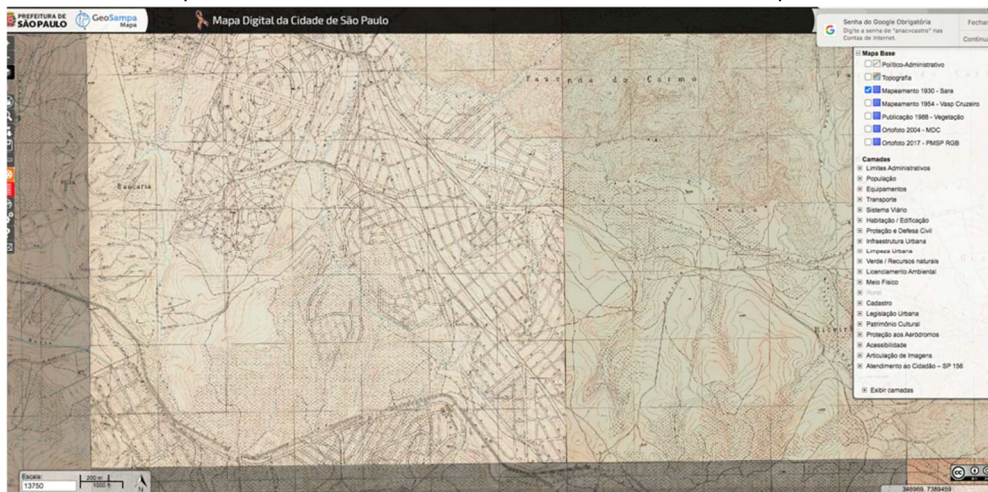
¹⁰ Sobre o São Mateus em Movimento e Negotinho em especial, ver REMEMORAR SESC ITAQUERA E CPDOC GUAIANAS <https://www.sescsp.org.br/sao-mateus-em-movimento-da-vila-flavia/> Acesso em 29.07.2022.

¹¹ Ligado ao Coletivo Opni (Objetos Pixadores Não Identificados), cuja sede também é na Vila Flavia. Ver REMEMORAR SESC ITAQUERA E CPDOC GUAIANAS <https://www.sescsp.org.br/favela-galeria-da-vila-flavia-em-sao-mateus/>. Acesso em 29.07.2022

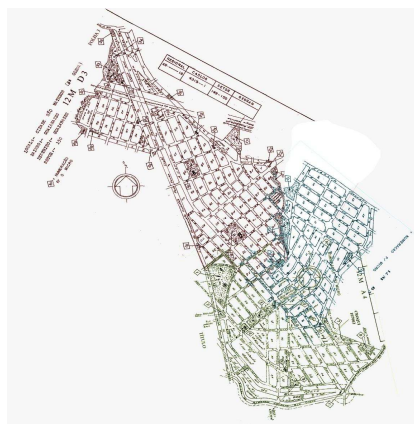
inicialmente desprovida de infraestrutura de transporte e com pouca oferta de emprego, também pareceu uma situação de interesse para ser enfrentada (Figura1). A área de São Mateus, onde fica a Vila Flávia, só mais recentemente recebeu uma linha de transporte sobre trilhos (a Linha 15-Prata Monotrilho) que, somando-se Anel Viário Metropolitano e Rodoanel que já interliga o território a Guarulhos e ABC Paulista, passou a encurtar as distâncias em relação ao centro, induzindo, desde então, uma transformação territorial e social significativas. Vale notar que ter o acesso garantido pelo Monotrilho acabou contando para a escolha, pois garantiria o acesso fácil da turma à área de estudo durante o semestre.

Para fazer parte da disciplina, que justamente buscava reverter a posição hierárquica dos professores em relação aos alunos, e da Academia em relação à sociedade, buscando fomentar um processo pedagógico horizontal e de dupla-mão, mais um coletivo se juntou ao projeto: o CPDOC Guaianás. Este coletivo, fundado em 2012 na Zona Leste, vem trabalhando com as questões do território e da memória, desenvolvendo uma série de projetos de interesse, que somariam aos trabalhos previstos¹². Foi assim que a equipe docente se fortaleceu com a presença do historiador e professor Adriano José de Sousa, membro do CPDOC Guaianás, e cujo mestrado sobre São Mateus forneceu material importante sobre a urbanização da região, sua história e as lutas sociais que construíram a identidade local (SOUZA, 2021).

Figura 1: Três mapas da região da Vila Flávia em São Mateus, São Paulo: Folhas do Sara Brasil de 1930; Croqui Patrimonial do Loteamento Cidade São Matheus; Mapa atual.



¹² Sobre o CPDOC Guaianás, ver: <https://cpdocguaianas.com.br/>. Acesso em 29.07.2022.



Fonte: Geosampa. Acesso em 09.05.2022.

Os trabalhos da disciplina começaram em abril e terminaram em julho de 2022, um semestre letivo particularmente curto. Após encontros e visitas de campo, nos quais os alunos puderam ter contato com os membros dos coletivos envolvidos, com moradores e lideranças, bem como com o próprio território, foram definidas três escalas de projeto e intervenção, a partir da divisão da turma em grupos¹³.

Uma primeira, no nível infraestrutural, a partir de demandas locais em relação a integração ciclovária da área com a rede municipal. A segunda, no nível do projeto local, em função do córrego Cangueras e das possibilidades de tratamento paisagístico e de proposta de equipamentos – na medida em que a área já é uma pequena área de lazer para a Favela Vila Flávia (um conjunto de pouco mais de uma centena de residências construídas a partir da década de 1980 na área remanescente do loteamento de Vila Flávia, que começou a ser

¹³ Em função das demandas do São Mateus em Movimento e das avaliações entre professores, alunos e coletivos do que poderia ser feito no período de duração da disciplina.

urbanizado nos anos de 1960)¹⁴. É uma terceira escala de projeto, voltada às experiências dos sujeitos, que partiu das discussões de memória e acabou se concentrando no reconhecimento do território como um espaço de grafiteagem importante de São Paulo. É dessa terceira escala de intervenção que vamos aqui falar com mais detalhes, pois ela se apresenta como um projeto com potenciais desdobramentos e continuidades.

As duas primeiras propostas de trabalho foram desenvolvidas pelos respectivos grupos até o nível do pré-projeto, podendo evidentemente ter continuidade – o que se imagina fazer a partir de uma terceira etapa de aproximação, agora com novos bolsistas PUB (ano 2022/2023). A terceira proposta, desenvolvida por uma equipe de quatro alunos e chegando no nível do projeto básico, também prevê continuidades e desdobramentos a partir dos resultados alcançados, como se verá em seguida.

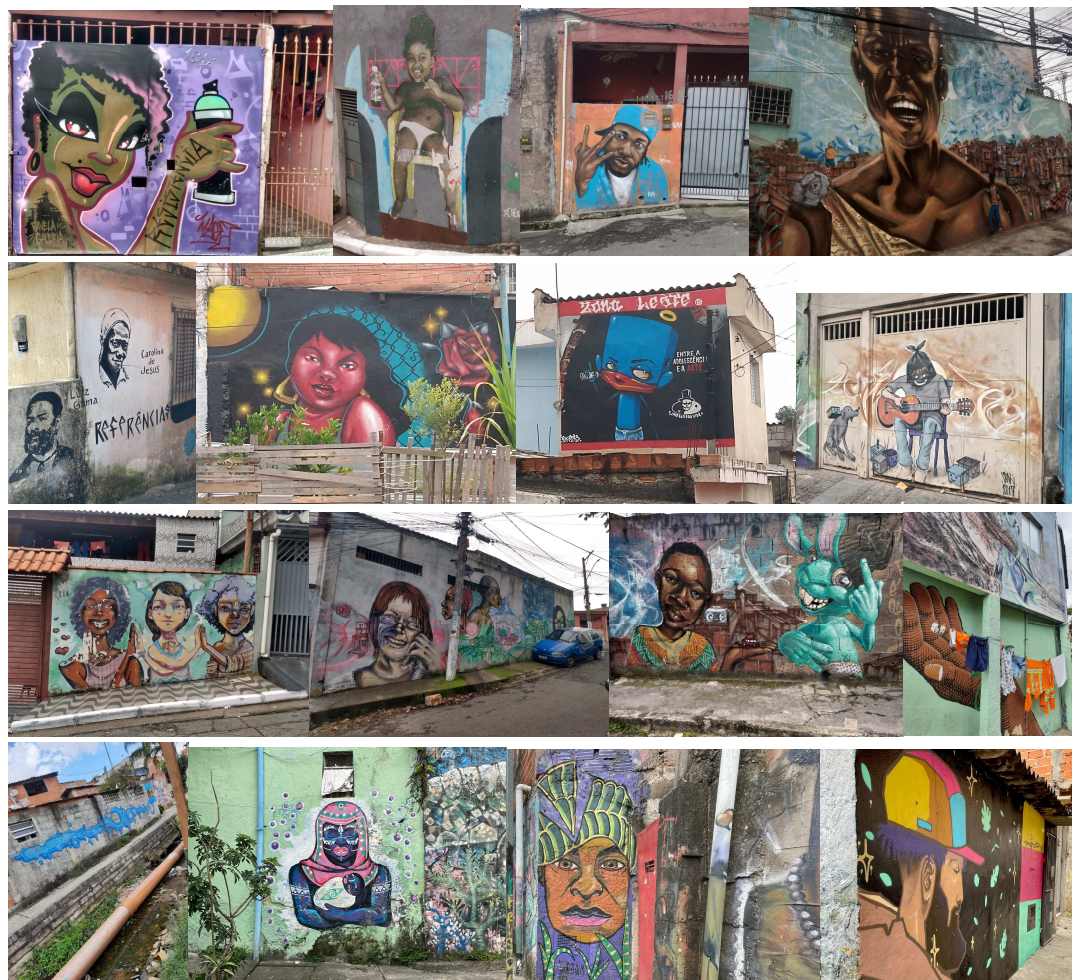
2.1. O grafite e a memória do bairro

A Vila Flávia, em especial a área em torno da sede do São Mateus em Movimento e do Favela Galeria, apresenta uma impressionante concentração de grafites, que vêm sendo feitos já há algumas décadas (Figura 2).

Local de residência de membros do OPNI, um grupo de grafiteiros importantes da cena cultural paulista desde o início dos anos 2000, e de membros do SMM, tais grafites se potencializaram pela ação desses coletivos na promoção de eventos de grafiteagem que reúnem grafiteiros de toda a cidade, da região metropolitana e de outras cidades brasileiras.

Figura 2: Exemplos de grafites nos muros das casas da Vila Flávia.

¹⁴ É notável que o traçado do loteamento contíguo à Cidade São Mateus (cujo registro em cartografia mais antigo com esse nome encontrado no estudo de Adriano Sousa data de 1949), já aparece no Mapa SARA Brasil, a primeira aerofotogrametria de São Paulo, datada de 1930. Conforme comparação realizada pelo historiador com o loteamento atual no Geosampa, ao menos os traçados dos bairros atuais de Cidade São Mateus, Vila Flávia, Jardins Nove e Cinco de Julho e IV Centenário já existiriam neste período (SOUSA, 2021, p. 111).



Fonte: Acervo de fotos da disciplina.

Nos encontros que tivemos na área de estudos – a partir de conversas com moradores e lideranças – foi ficando patente que uma das ações de projeto desenvolvida pelos alunos poderia se concentrar no tema da memória do bairro (Figura 3)¹⁵. Inicialmente prevíamos levar a cabo uma série de entrevistas com moradores antigos, mas percebemos que a ação

¹⁵ Além de aulas que discutiram a urbanização de São Paulo e a Zona Leste em particular, ministradas por Ana Castro; por Ana Paula Khoury (professora da Universidade São Judas, sediada na zona leste e que coordena projetos de pesquisa na região, entre eles: LABORATÓRIOS MUNDO REAL: A microbacia do ribeirão do Lageado), e por Adriano José de Sousa, focalizando a urbanização de São Mateus; durante o semestre houve aulas de metodologia de projeto (por Gustavo Curcio) e conversamos com lideranças locais, além do próprio Negotinho; com os engenheiros Carlos de Jesus Campos e Guilherme Perrella, funcionários da Prefeitura que participaram ativamente da primeira obra de canalização do córrego no final da gestão municipal de Fernando Haddad; e com a liderança Dona Zeza, do Movimento de Defesa do Favelado (MDF). Também foi importante a presença do arquiteto Cayo Augusto, morador da Vila Flavia, que participou de alguns encontros e da banca final.

concentrada no tema do grafite poderia constituir um trabalho mais coeso e de maior peso, resultando em um piloto a ser seguido dali em diante¹⁶.

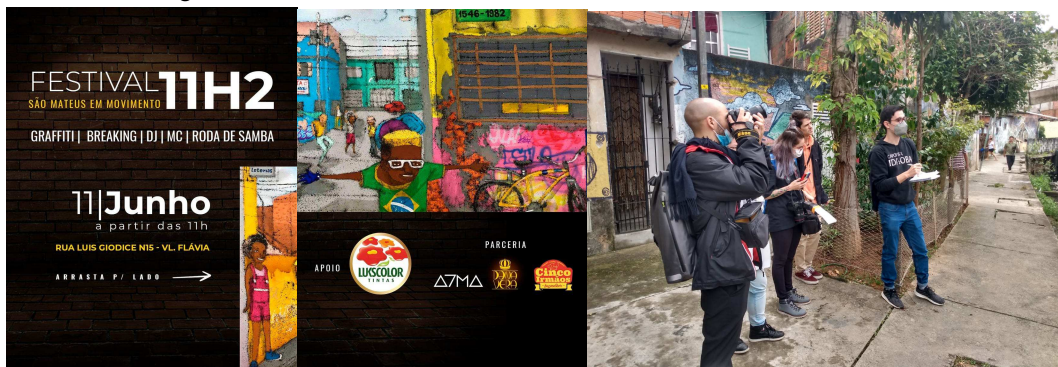
Figura 3: Área do córrego e uma das senhoras contatadas (D. Adenura).



Fonte: Acervo de fotos da disciplina

Durante o semestre, tivemos a chance de participar de um desses eventos de grafiteagem, o Festival 11H2 SMM, que ocorreu no dia 11 de junho de 2022. Nesse dia, o grupo de alunos responsável pelo projeto pode ali fazer um extenso levantamento dos grafites, conversar com os grafiteiros presentes e formular a proposta de um roteiro a partir do percurso já elaborado pelo SMM nas visitas em que recebem os interessados em conhecer os grafites¹⁷.

Figura 4: Folder do festival 11H2 do SMM e Levantamento dos alunos



Fonte: redes sociais do SMM. @Sãomateusemmovimento e Acervo de fotos da disciplina

A partir desse material, foi elaborado um banco de dados, preenchido e completado por novas pesquisas, o que permitiu montar um primeiro acervo dos grafites, com as seguintes

¹⁶ Conversas informais foram travadas com moradoras antigas, em busca de se montar uma primeira rede de senhoras a serem entrevistadas, inspiradas pelo clássico trabalho de Ecléa Bosi, *Memória e sociedade: Lembrança de Velhos* (1994). Buscaremos desenvolvê-las nos desdobramentos do projeto.

¹⁷ Grupo composto pelos alunos David Ali, Lidiane Kohatsu, Marco Borges e Pedro Luz.

informações: descrição, artista(s), ano, localização, material, técnicas e estilos, estado de conservação, contexto, motivos ou impressões e links.

Exemplo da ficha catalográfica, contida na planilha:



Imagem 6: Imagem do grafite retrato cuiabano. Fonte: Arquivo de fotos da disciplina

Descrição: Retrato Cuiabana

Artista: Babu Seteito (@seteito)

Ano: 2022/06

Localização: Córrego Canguieiras, travessa da R. Luís Giudice, 15 - São Mateus

Material: Spray e tinta sobre portão de madeira

Técnica/estilo: Grafitti

Estado de conservação: ótimo

Contexto/motivações/impressões: "Babu Seteito é um artista natural de Cuiabá, membro da Tudo Véio Crew. Nesta obra, sua primeira em São Mateus, reproduziu o retrato de uma amiga cuiabana - "em uma pose típica de pinturas cuiabanas", segundo ele, acompanhada de flores amarelas e outras plantas. Babu também se interessa por pintura botânica, área que começou a explorar após herdar o jardim de sua mãe, uma mãe-de-santo. O suporte da obra, um portão de madeira, atraiu o artista pela lembrança de casas típicas do interior do Mato Grosso.

Obra realizada no Festival 11H2 (11/06/2022), evento artístico promovido pelo coletivo São Mateus em Movimento e curado por Cris Rodrigues, em parceria com a Lukscolor Tintas."

Links: Página do artista: <https://www.instagram.com/seteito/>

Publicação do autor: https://www.instagram.com/p/CetH_-HOvZY/?utm_source=ig_web_copy_link

Para as obras mais antigas, houve uma primeira aproximação através de pesquisa com outros grafiteiros e pessoas ligadas ao grafite, que puderam auxiliar no reconhecimento das obras ou assinaturas, sendo muitas delas, de autores múltiplos. Após esses primeiros reconhecimentos, foi possível retirar informações como ano, ou contexto, por meio de jornais, revistas, sites e principalmente pelas redes sociais dos artistas ou do próprio SMM ou OPNI. Já para as obras realizadas no dia da visita, foi possível uma maior precisão nos dados

coletados, através de entrevistas gravadas com os próprios artistas, como o exemplo acima, da Imagem 6, elaborada pelo grafiteiro Babu Seteito naquele dia.

Assim, pode-se dizer que conversando com alguns grafiteiros durante o Festival, houve uma maior compreensão das diversas formas de técnicas ou estilos. Uma das classificações elaboradas foi a de grafite “de personagens” e “de letras”, ficando patente que são de campos distintos e que um artista não grafita em ambos os estilos. Cada uma delas tem infinitudes de formas possíveis de representação, algumas mais realistas, outras mais estilizadas, letras como setas trançadas, letras mais arredondadas e outras desenvolvidas pelos próprios artistas. Outra forma de classificação é a técnica: grafite, stencil, lambes, entre outras formas. E por último, o estado de conservação foi dividido como: Ótimo- obras recém pintadas; Bom- obras pintadas há algum tempo e em bom estado (sem sinais de degradação); Regular- obras com algum sinal de degradação; Ruim- obras com degradação intensa em pontos localizados, potencialmente com pontos irreconhecíveis; Péssimo- obras com degradação intensa de uma porção significativa, com trechos irreconhecíveis.

Os levantamentos ficaram concentrados na área do córrego Canguieiras e num percurso de visita da sede do São Mateus em Movimento até a Favela Galeria, sendo proposto como parte de um projeto piloto, mas que pode ser ampliado para roteiros múltiplos em toda a comunidade posteriormente. Esse roteiro inicial foi definido em conversas com Negotinho, mas também pensado como possível de ser desenvolvido durante a disciplina.

Todas essas informações estão contidas também em um mapa digital na plataforma Mymaps, uma plataforma gratuita e de fácil acesso por computadores e celulares (Figura 5). Com ela, buscou-se a espacialização dessas obras no território da Vila Flavia. Além de ser uma importante ferramenta para os coletivos, a ideia é que esse mapa possa ser utilizado para os passeios e tours que são realizados pelo SMM pelo local. Qualquer pessoa pode ter acesso a essas informações pelo QRcode disponível no folder que também foi desenvolvido como mais um produto desse projeto. A ideia é que o QRcode encaminhe diretamente ao Mymaps, contendo todos dados e imagens dos grafites catalogados.

Figura 5: Imagens do Mymaps acessado pelo celular

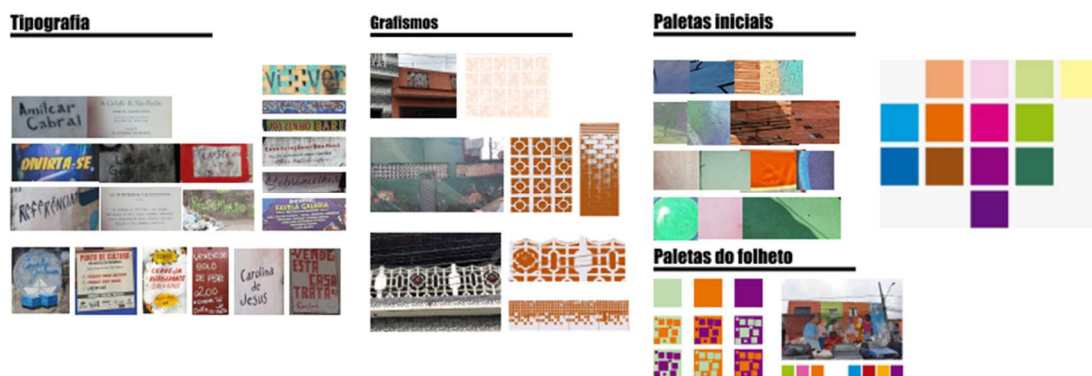


Fonte: Arquivo da disciplina

Com esse material sistematizado – que poderá continuar sendo completado daqui em diante e depois hospedado no site do CPDOC Guainás, o grupo partiu para uma segunda etapa: o desenvolvimento de um folder que funcionasse como um Guia de visita.

É importante dizer que as visitas à Vila Flávia foram momentos importantes e definidores para a construção dos produtos gráficos. A vontade do grupo era de utilizar as imagens da paisagem como parte gráfica expressiva, por isso, o registro fotográfico foi voltado para elementos construtivos, como cobogós, portões, gradeados, balaustradas, entre outros, assim como elementos tipográficos existentes no local, como placas, grafites e fachadas de comércio.

Figura 6: Classificação das fotografias e transformadas em possíveis composições dos materiais gráficos



Fonte: Acervo de fotografias do grupo e materiais desenvolvidos

A ideia inicial do folder é um produto gráfico que possa ser editado e complementado pelos coletivos, utilizando ferramentas mais simples como o Powerpoint ou Google slide. Embora as bases sejam criadas por programas do pacote Adobe, a conversão para outros programas é compatível.

A primeira definição do folder foi a escolha do formato do papel, tendo-se definido o A4 pela facilidade e custo de impressão, podendo inclusive, ser impresso em uma impressora comum de mercado. Também nesse primeiro processo foi definido o formato das dobras, buscando o formato final A7, a partir do sanfonamento em 4 partes e ao final, sendo dobrado ao meio, tendo como resultado um folheto que cabe no bolso. Foi assim definida também por ser uma forma fácil de ser customizada posteriormente pelos coletivos, contendo 4 colunas de mesmo tamanho (Figura 7).

Para a composição do folheto foram utilizadas duas tipografias, uma para títulos, a partir de um desenvolvimento de tipografia de um grafite existente e para textos em geral foi selecionada a fonte Ubuntu, por ser uma fonte Google, podendo ser baixada em qualquer computador gratuitamente.

Foram criadas duas versões do folheto, uma pensada a partir de uma impressão colorida sobre papel sulfite branco, e a outra em impressão em preto sobre papel sulfite, craft ou color



plus. Em ambas, foram utilizados os mesmos elementos. Para a versão colorida foram escolhidas paletas de cores observadas na paisagem, que também são encontradas em grafites significativos observadas no dia da visita. Para a versão preto e branco, a impressão em papéis coloridos apresentou um impacto visual satisfatório (Figuras 8 e 9). Aproveitou-se os mesmos ícones da seção de Sinalização, como se fossem carimbos como composição de imagens. As imagens ou colagens foram elaboradas a partir de grafismos e outras referências levantadas no local, e seus editáveis também ficarão disponíveis para serem reinventados pelos próprios membros dos coletivos. No verso do folheto está previsto um mapa simples e esquemático que pode incluir: alternativas de tours; pontos de referência importantes para visitantes (córrego Canguueiras, Favela Galeria, São Mateus em Movimento etc.), alguns grafites mais relevantes, e desenhos ilustrativos de alguns desses pontos. As referências utilizadas foram as zines, que são revistas ou publicações não profissionais, com imagens recortadas e coladas no próprio papel e composto por letras de jornais ou outras publicações, em geral formas mais livres e simples de edição (Figura 10).

Figura 7: Formas de montagem e testes do folder preto e branco em folhas coloridas

Diagramação

Formato
Folha A4 com o folheto aberto
Folha A7 com o folheto totalmente fechado
Dobra em sanfona, e dobrando ao meio no final

Diagramação
Margem de 8mm
Espaçamento de 8mm entre cada parte
Espaço no interior 3 para propaganda, caso haja parcerias. Divisão da folha em 4 colunas e 8 linhas.

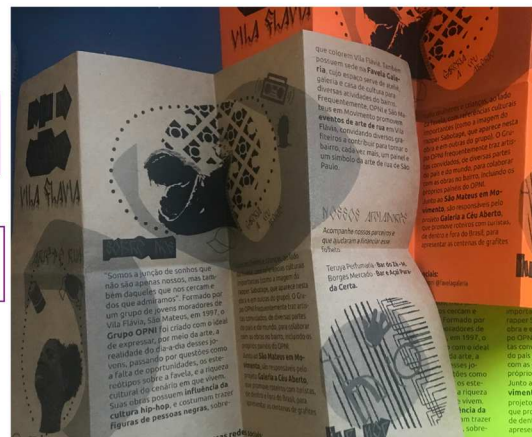
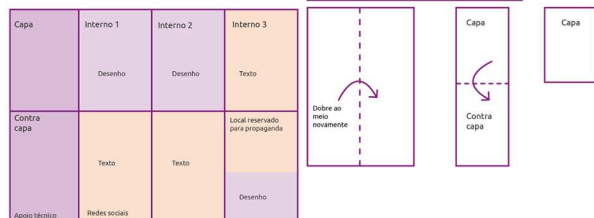


Figura 8: Imagem do folder colorido frente e verso



Figura 9: Imagem do folder preto e branco frente e verso

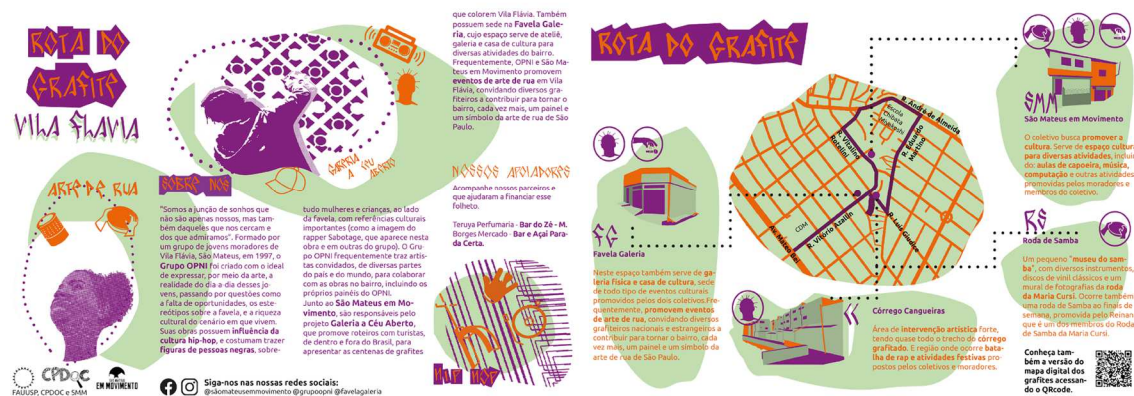
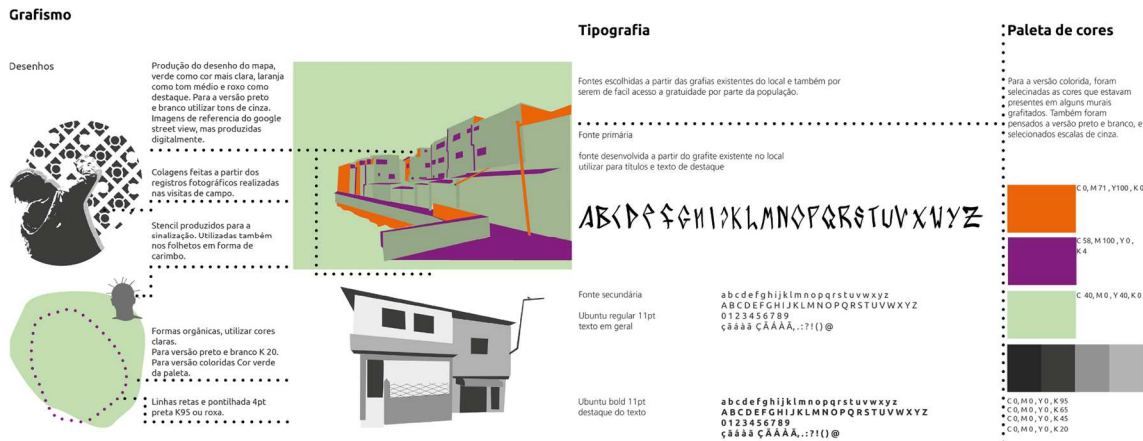


Figura 10: Prancha síntese do projeto visual gráfico do folder



Além disso, o grupo desenvolveu um sistema de identidade visual com o intuito de sinalizar alguns elementos nos espaços da visita. A sinalização foi pensada para que os próprios coletivos e a comunidade pudessem escolher sinalizar como pontos marcantes na Vila Flávia. São ícones e tipografias que podem indicar espaços de cultura, comércios, templos, pontos de coleta de lixo, grafites importantes, nascentes etc. A aplicação desses símbolos nas paredes seria feita com stencils, fáceis e rápidos de imprimir, recortar, e aplicar com tintas de qualquer cor. Todos os arquivos serão disponibilizados em formato fácil de transformar em modelos impressos, ou até mesmo serem recortados em máquinas de recorte a laser em MDF. Esses ícones podem ser os mesmos utilizados no mapa dos folhetos. Assim, os visitantes do bairro podem rapidamente reconhecer os símbolos nas paredes e consultar o folheto para encontrarem mais informações.

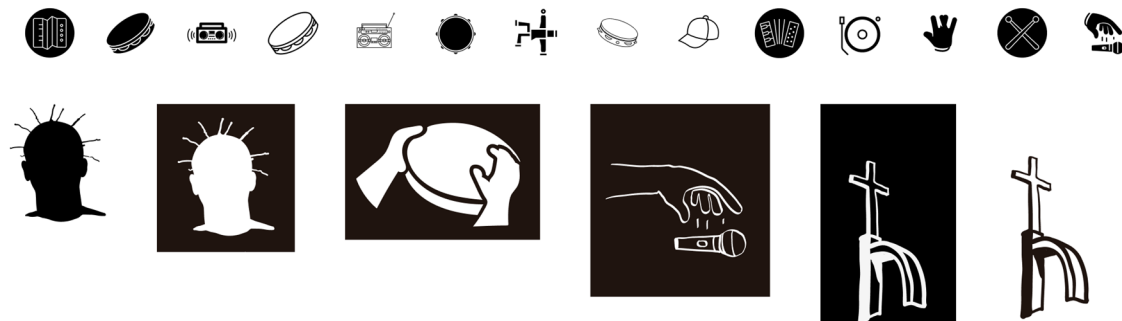
A escolha dos ícones seguiu o mesmo processo da criação do folheto, a partir de referências que foram levantadas no local, principalmente grafismos e conteúdos recorrentes nos grafites e nas conversas com os moradores e artistas. Alguns representam núcleos culturais

importantes para o bairro (grafite, hip-hop, samba etc.), e outros, outros pontos que merecem destaque (como pontos de coleta de lixo). Foram criadas duas versões para um mesmo ícone, a versão em linha e a versão com fundo vazado. Criaram-se apenas alguns exemplos, mas são muitas as possibilidades que podem ser desenvolvidas a partir dessa base, conforme o que os coletivos julgarem mais importante destacar (Figura 11).

Foi escolhida uma tipografia já facilmente compatível com stencils e com as referências levantadas nas visitas. Após pesquisas, adotou-se a Paralucet Stencil Medium. Infelizmente, a fonte é paga (não encontrou-se boas alternativas de fontes gratuitas na versão stencil) e pode ser obtida no site da Adobe. Apesar disso, para facilitar o acesso, serão disponibilizados arquivos com cada uma das letras, números e símbolos, em formato SVG, que podem ser editados, impressos e transformados em stencils (Figura 11).

Por último, é importante dizer que todos os resultados obtidos estão contidos em um caderno de projetos para ser entregue aos coletivos que participaram do processo de discussão, tanto ao SMM quanto ao CPDOC Guaianás. Também serão fornecidos o acesso ao drive onde estão as tabelas, link do mymaps, imagens e fonte do folder e da sinalização, podendo ser utilizados pelos coletivos, bem como pelos novos bolsistas que darão continuidade aos trabalhos.

Figura 11: Imagens das iconografias e tipografias utilizadas para a sinalização.



A B C D E F G H I J K L M
N O P Q R S T U V X W Y Z
a b c d e f g h i j k l m
n o p q r s t u v x w y z
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ? ! +
@ # \$ % & * () - _ = / .
, ← →

4. Resultados e desdobramentos visíveis

Os resultados obtidos por essa equipe nos pareceram os melhores possíveis, não apenas porque conseguiram construir a demanda de projeto em relação aos coletivos, no diálogo e na troca constante, com as lideranças, com os moradores; mas porque também conseguiram, dentro do tempo da disciplina, elaborar uma ideia e desenvolvê-la com começo, meio e fim, chegando ao final do semestre com um material final de muita qualidade, do nosso ponto de vista, e que de fato pode ser incorporado e trabalhado pelos coletivos.

Tanto assim que o CPDOC Guaianás trabalhará a partir desse material na próxima Jornada do Patrimônio do Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo (DPH), que ocorrerá no dia 20 de agosto de 2022, com o roteiro “Da Fazenda do Oratório a Cidade São Mateus”, que passará por lugares de memória das lutas sociais pela urbanização de São Mateus como o Terminal São Mateus, Igreja São Mateus Apóstolo, Praça Felisberto Fernandes da Silva e o próprio complexo Favela Galeria-São Mateus em Movimento.

Além disso, o projeto terá continuidade por mais um ano, a partir de uma nova equipe de bolsistas PUB, na vertente pesquisa, desenvolvendo tanto o projeto de intervenção do córrego, quanto a pesquisa com os antigos moradores¹⁸, com o intuito de ampliar o acervo do próprio CPDOC Guaianás em parceria com seus processos de inventário participativo, como parte do projeto “Da Passagem Funda ao Iguatemi”, desenvolvido pelo coletivo nos territórios de Lajeado, Guaianases, Cidade Tiradentes e São Mateus, com apoio da 6a. Edição da Lei de Fomento à Cultura das Periferias.

¹⁸ Novos projetos: FAU Escola Internacional: cartografias e memórias urbanas na Zona Leste de São Paulo (a ser orientado por Ana Castro) e FAU Escola Internacional: sistematização de uma experiência de ensino, pesquisa e extensão (a ser orientado por Ivo Giroto).

O reconhecimento dos sujeitos periféricos (D'Andrea, 2013)¹⁹ como portadores de saberes e práticas que contribuem com a constituição e reformulação de espaços urbanos, seja por meio de coletivos culturais, da pesquisa científica ou com as memórias de sua atuação histórica no processo de urbanização das periferias, leva a um enriquecimento das possibilidades pedagógicas da FAUUSP, tanto de novos projetos urbanos mais alinhados às necessidades dos moradores das periferias (algo que já foi fomentado entre os anos de 1980 e 1990 por docentes da Faculdade, como Ermínia Maricato, Nabil Bonduki e Raquel Rolnik em sua atuação acadêmica e na administração pública da cidade, e que segue com esses e outros docentes e alunos), só que agora com possibilidades de um trabalho cada vez mais horizontal, com a presença de pesquisadores periféricos e de coletivos em uma postura de intervenção mais direta na elaboração de projetos de ensino, pesquisa e extensão junto a Universidade, realizando e fortalecendo a via de mão dupla na produção do conhecimento preconizada na origem do projeto FAU-Internacional, com perspectivas de novas conexões entre a Academia, moradores e coletivos atuantes no território da Vila Flávia em São Mateus.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Aroldo. **Subúrbios de São Paulo** (Primeiros Estudos). Separata do Anuário da Faculdade de Filosofia do Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo, 1943.
- BOSI, Ecléa, **Memória e sociedade: Lembrança de Velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- D'ANDREA, Tiaraju. **Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo**. Tese de Doutorado em Sociologia. São Paulo: FFLCH-USP, 2013.
- SOUSA, Adriano. **Cotidiano e Lutas Sociais na Periferia de São Paulo**. Agentes Históricos da Urbanização de São Mateus. Dissertação de Mestrado, São Paulo, FFLCH-USP, 2021.

¹⁹ Podemos pensar aqui que os sujeitos periféricos podem ser além dos pesquisadores, coletivos de cultura e agentes ligados ao Hip Hop conforme preconizado por Tiarajú D' Andrea (2013) como aqueles que significam as periferias como lugar portador de potência, também os moradores que contam suas histórias de vida e experiências no território ou o engenheiro que desenvolve o projeto de canalização do Córrego e a militante do movimento de moradia.